

“E se a gente misturar tudo?”: Ensino de história da educação infantil, formação de professoras e o 20 de novembro

“What if we mix it all up?”: history teaching in early childhood education, training of teachers, and the November 20th

Priscila Goulart dos Santos¹

 [0000-0001-6611-528X](https://orcid.org/0000-0001-6611-528X)

RESUMO: O presente trabalho procura refletir sobre as relações entre a educação patrimonial, ensino de história, educação das relações étnico-raciais e a formação docente na Educação Infantil da Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz de Nadal. Parte da experiência de visita de um grupo de educadoras à exposição *Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, durante a realização do Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial, em 2022, e também da construção de uma caixa de jogos sobre a exposição. Por meio da pesquisa-ação, foi possível constatar que a visita se mostrou como uma experiência diferenciada para a maioria das visitantes, constituindo-se como uma possibilidade formativa para além dos muros da escola.

PALAVRAS-CHAVE: ensino da história; 20 de novembro; educação infantil.

ABSTRACT: The present undergraduate seeks to reflect on the relations between heritage education, history teaching, education of ethnic-racial relations, and teacher training in Early Childhood Education at Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz de Nadal. Starts from the experience of a group of educators visiting the *Palmares não é apenas um, são milhares: 50 anos do dia 20 de novembro* (2021-2022) exhibition, of the Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, during the Teaching Internship in History – Heritage Education, in 2022, and also the construction of a box of games about the exhibition. Through the research-action, it was found that the visit proved to be a positive and unique experience for most visitors, constituting a training possibility beyond the school walls.

KEYWORDS: history teaching; november 20th; early childhood education.

Introdução: Qual o meu lugar de fala?

A chegada nesse lugar é uma mescla das minhas vivências enquanto intelectual negra, militante no movimento social negro, professora de educação infantil na rede pública de Porto Alegre, e historiadora em formação. Os estudos que tenho empreendido a partir do mestrado

¹ É professora na Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz de Nadal - Restinga (RS). Presentemente, está cursando História - Licenciatura também na UFRGS. Compõe o Coletivo Quadro Negro e o Movimento Meninas Crespas. Tem experiência na área de Educação popular e na educação básica.

sobre a história da população negra no Brasil, me levaram a questionar as possibilidades de ensinar às crianças pequenas tudo aquilo que havia aprendido, desejando que as crianças ainda na educação infantil também pudessem conhecer as histórias que ainda não são amplamente contadas. A partir disso me duas perguntas iniciais poderia eu esperar que as crianças cheguem ao ensino fundamental para aprender essa história? Qual a formação em história afro-brasileira tinham as minhas colegas? Qual era o meu papel como pedagoga e também historiadora?

Então, comecei a pensar primeiro nas crianças e no ensino da história afro-brasileira a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: o que seria fundamental que elas soubessem?, o que elas teriam capacidade cognitiva de se apropriar? Em novembro de 2019, quando estava como professora de uma turma de maternal 2 (3 – 4 anos), ocorreu uma situação de racismo com a turma, envolvendo a professora do turno da manhã. Essa experiência, me convidou a agir rapidamente, procurando desconstruir o que havia sido vivenciado. Escolhi a história do Quilombo dos Palmares a fim de mostrar a turma a existência de um reino negro no Brasil. Percebi que os conceitos de reino, rei, rainha e zumbi eram parte do repertório da turma, por este motivo procurei utilizá-los para ensinar sobre o Quilombo. Conte a história do rei Zumbi e a rainha Dandara, usei imagens atuais do quilombo localizado na Serra da Barriga em Alagoas, e aproveitei para fazer uma comparação com o reino fictício de Wakanda mostrado no filme Pantera Negra da Disney no ano de 2018.

A partir daquele trabalho, expandi minhas indagações acerca dos significados do Quilombo dos Palmares e a criação do 20 de novembro pelo Grupo Palmares na década de 1970: *o que as crianças e colegas deveriam aprender sobre o 20 de novembro? O que a escola estava ensinando às crianças ao celebrar a data?*

Estes questionamentos resultaram em um início de uma jornada pedagógica antirracista dentro da escola a partir do ensino da história do 20 de novembro. O 20 de novembro, tem por objetivo ensinar a história da população negra que a história tradicional não conta. Os ativistas do Grupo Palmares ao propor a data em contraposição as comemoração do 13 maio, instituiu uma mudança no que se refere a escrita da história brasileira. O Grupo considerava que o 13 de maio não se configurou como uma libertação da escravização, por perceber as continuidades das desigualdades raciais (Silveira, 2003). Este grupo criado na cidade de Porto Alegre, será o responsável pela criação do dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra.

O mais importante na proposição do Grupo é o ensino da história afro-brasileira escrita

a partir do protagonismo negro, e não mais aquela narrativa a qual retrata as escravizadas e os escravizados como pessoas indignas, submissas e sem cultura. Era o começo de uma nova história, pensada nas ideias de liberdade, emancipação e resistência (Mattos, Rios, 2004). E ensinar esta história desde a educação infantil, se transformou em meu objetivo pedagógico e também social.

Em fevereiro de 2020 escrevi um e-mail (carta) para Diretora da escola, com uma série de apontamentos com relação ao racismo dentro da escola. Em conversa com a Direção e a Coordenação, formações e materiais foram pensados para aquele ano, desse modo, a última formação foi realizada por mim, sobre a história do 20 de novembro, tendo por base o texto de Oliveira Silveira, *Vinte de novembro: história e conteúdo*². Nesse mesmo ano, no Novembro Negro³, realizei uma exposição de fotos das crianças e pessoas adultas negras pelas paredes da escola e elaborei uma pasta, que está no *drive* disponibilizado às colegas da escola, com livros, artigos, teses, dissertações, materiais audiovisuais sobre as questões raciais e a história da população negra no Brasil.

Dando continuidade as formações, vislumbrei a exposição *Palmares não é só um São milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), como um presente, como a minha chance de mostrar às minhas colegas a história do 20 de novembro contada a partir do discurso da museologia, algo diferente da formação que tiveram na escola. Aproveite, que era meu semestre de estágio em educação patrimonial para transformar a visita à exposição em uma formação.

Para esse formação foi organizado dois questionários e também uma caixa com jogos sobre a exposição visitada: foram duas caixas que ficaram nas instituições participantes do estágio: o Museu Antropológico do Rio Grande do Sul (MARS) e a Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz de Nadal.

O caminho que tenho trilhado na escola é uma mistura de pedagogia com história, por entender que o ensino de outras narrativas sobre a história da população negra no Brasil é uma

² OLIVEIRA, SILVEIRA. Vinte de novembro: história e conteúdo. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SILVERIO, Valter Roberto (Orgs.). Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

³ A escola não tem em seu projeto político pedagógico a proposição do ensino das datas comemorativas (dia das mães, páscoa, natal, e outras). Este posicionamento foi construído ao longo dos anos a partir da realização de diferentes formações relativas a temática. Entendeu-se que essas datas tinham sentido para as pessoas adultas, especialmente as famílias (Palauro, Tomazzetti, 2016), também que os planejamentos baseados nas datas comemorativas não encontra sentido quando pensamos nas orientações da Base Nacional Comum Curricular para a educação infantil, a qual conforme os documento deve ser pautada no brincar, conhecer, participar, expressar, conhecer-se, e nos campos de experiência.

potente ferramenta na construção da identidade racial das crianças negras e brancas; é preciso desmantelar as ideias de inferioridade negra e superioridade branca, desde a educação infantil.

Pesquisa-ação e formação docente continuada

As ciências sociais já fizeram a pergunta: pode a pesquisadora ser parte do grupo pesquisado? Sim, contanto que tenha o rigor metodológico pautado em conceitos que transformem o estudo em uma análise crítica e não uma mera descrição da realidade. Desde 2019 componho o grupo de profissionais da Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz de Nadal e, a partir da proposição do Novembro Negro, venho problematizando os significados desta data para a escola.

A pesquisa-ação como metodologia de pesquisa, é composta segundo Baldissera (2001), pela investigação, ou seja, a realidade é analisada com base num suporte teórico, e pela a ação que ocorre paralelamente através das intervenções da pesquisadora e dos diálogos. Com relação à participação, as(os) sujeitas(os) da pesquisa não são tratadas como objeto de pesquisa, elas(es) atuam dentro do estudo com seus saberes e ações. Este tipo de pesquisa se tornou comum nas escolas, visto que muitas(os) professoras(es) passaram a também ser pesquisadoras(es) de seu lugar de trabalho. Ela “[...] rompe com a racionalidade técnica, pois é um tipo de pesquisa que se opõe à epistemologia positivista, a qual sustenta a racionalidade técnica” (Lima, Pavan, 2023, p. 511).

Desde o início da pesquisa, procurei envolver a equipe dentro da proposta de educação antirracista através de formações, como a que realizei na escola sobre a história do Vinte de Novembro no ano de 2020, também oportunistei uma visita/formação à exposição “Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro”, no MARS em 2022, e auxiliei a coordenação pedagógica na escolha de livros infantis e adultos de temática afro-brasileira e africana. Além de outros trabalhos pedagógicos desenvolvidos no dia-a-dia da escola. Nessa perspectiva, sou ao mesmo tempo pesquisadora e agente de ações antirracistas cujo objetivo é transformar o ambiente da escola em um lugar que realmente promova a construção de identidades negras positivas, bem como de identidades brancas não racistas.

Pensando nas potencialidades da Exposição *Palmares não é um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), a partir do ensino de história, da educação patrimonial e da formação docente, percebi que uma ida ao museu poderia se configurar em uma tarde de formação pedagógica para as educadoras da Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz

de Nadal, funcionando como uma segunda parte da formação ocorrida em 2020 sobre a história do Grupo Palmares e do 20 de novembro.

As formações realizadas na escola, são importantes para o desenvolvimento pedagógico das educadoras e educadores, além disso “[...] as constantes transformações dos espaços-tempos mostram que reproduzir ou apenas transmitir conhecimentos já não atende às expectativas dos educandos, pois o acesso à informação está cada vez mais facilitado pelos meios de comunicação” (Andrade, 2022, p 9). Ora, sabemos que a formação docente continuada não para no dia em que as educadoras e educadores terminam seus cursos de formação, independentemente se for nível médio ou superior. A formação continuada tende a valorizar os conhecimentos pedagógicos adquiridos no cotidiano escolar, e também trazer novos saberes para o avanço das práticas pedagógicas. Neste sentido, a formação continuada se apresenta como parte inerente do fazer docente. Muitas secretarias de educação têm como uma de suas políticas a formação continuada de professoras(es) tanto da educação infantil quanto as demais etapas. Acerca da importância da formação docente continuada, Chimentão (2009) pontua que

“A formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos” (Chimentão, 2009, p 3)

É preciso pensar no quanto exposições como estas, exposições artísticas, escolas de samba, clubes negros, quilombos, Museu do Percurso⁴, podem ser também lugares de formação continuada, de modo a combater a “[...] invisibilidade do patrimônio material e imaterial” (Gomes, 2019, p. 72) da população negra de Porto Alegre.

Estes espaços possuem um potencial para ensinar outras narrativas históricas sobre a população negra, e por isso devem ser considerados quando a escola pensa em seu calendário de formações. As conversas com palestrantes, sem dúvida alguma, são muito ricas, mas a experiência da imersão em espaços como estes, proporcionam o sentir, e o sentir é o que nos toca e que cria as memórias afetivas, estas podem se configurar como elemento para possíveis intervenções pedagógicas baseadas em um novo modo ver a negritude, após a experiência da imersão.

O estágio trouxe uma possibilidade de ensino que até então não havia pensado... Comumente, a sala de aula se mostrava como meu chão, mesmo com as especificidades dos

⁴ A escola visitou o Museu no ano de 2019. Ele foi criado em 2002 a partir do Projeto Monumenta, e tem por objetivo marcar espaços físicos para comunicar a presença negra na cidade (Vargas, 2015, p 12).

anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Com frequência penso sobre o ensinar e o aprender, sobre as potencialidades da educação, mas tudo circunscrito à sala de aula, por isso a ideia de educar no museu se mostrou desafiadora. Penso que o diferencial maior da educação patrimonial está na imersão, pois as pessoas, ao ir a uma exposição em museu, se encontram imersas em um determinado contexto que, neste caso, é o 20 de novembro.

É sabido que nos últimos anos os museus foram transformados pelas novas teorias da museologia social, e também pela presença de novos(as) atores(atrizes). Estas mudanças nos convidam para um novo olhar a partir dos(as) “subalternos(as)”; são tempos em que é chegada a vez daqueles e daquelas consideradas(os) subalternas(os) de ver-se em uma exposição no museu. Em uma sociedade plural, é fundamental que outras narrativas visuais possam compor os museus e os espaços de memória. Batista e Boita (2014), demonstram que o lugar das minorias é também dentro dos museus, e que esse lugar pode ser um espaço em potencial para desconstrução de estigmas e estereótipos. Em se tratando da questão LGBT os autores pontuam que “[...] a capacidade de transicionar está no corpo da museologia. Nos museus, transicionamos patrimônio, reencontramos suas identidades em espaços contemporâneos e travestidos os objetos com novos sentidos, sentidos contemporâneos. O museu é, de fato um espaço travesti” (Batista; Boita, 2014, p. 176).

Podemos pensar que esse movimento de travestir também diz respeito à população negra, aos movimentos sociais, aos povos originários, que historicamente estão do lado de fora deste lugar. Todavia, ao (re)pensar este espaço, é preciso considerar que exposições também sejam pensadas e elaboradas pelos(as) agentes considerados(as) “forasteiros(as)”. Estamos tratando de um diálogo (Freire, 1983) no qual participam do processo pessoas das comunidades, militantes do movimento social, intelectuais que não estão na universidade, entre outros agentes, que têm o conhecimento e a qualificação para elaborar uma exposição ou organizar um espaço de memória. Estas participações não-convencionais levam para dentro dos museus a democratização da diversidade. Por conseguinte, o público que visita um museu (uma exposição) também passa a ser diverso, pessoas que até então não haviam se imaginado em um museu, passam a ocupar este lugar.

A experiência de se visitar o museu é particular de cada pessoa, no entanto, a imersão causada por uma exposição, como o caso dos 50 anos do 20 de novembro, se configura como vivência única, no sentido de se configurar primeiro como a primeira vez em um museu, segundo pela grandeza da exposição e a importância que a temática possuiu dentro da

(re)educação das relações raciais. Trata-se de uma oportunidade pedagógica que pode gerar novas aprendizagens, movimentar memórias dores, sentimentos de orgulho e de esperança.

O MARS e a exposição Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro (2021-2022)

O MARS foi criado pela Secretaria de Estado da Cultura no dia 20 de abril de 1978, e tem como objetivos principais a documentação e a divulgação da dinâmica de diferentes contextos socioculturais em âmbito regional⁵. Seu acervo é constituído por milhares de documentos e objetos oriundos de pesquisas etnográficas de campo, arqueológicas e etnoarqueológicas, e está armazenado em três reservas técnicas. Embora hoje o MARS se encontre no prédio do Memorial do Rio Grande do Sul (desde 2015), no qual mantém o setor administrativo e técnico, e a reserva técnica três, em seu histórico houve outras cinco sedes. Foi no espaço atual que ocorreu a exposição *Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de Novembro* (2021-2022), cuja idealização teve por objetivo homenagear o cinquentenário da data. Segundo a secretária de Estado da Cultura, Beatriz Araújo (2022, p. 6): “[...] Além de dar visibilidade às trajetórias de resistência e de formação de consciências, a exposição provoca um novo olhar que nos permite melhor compreender e respeitar essas memórias e, em especial, suas relações com o presente e o futuro da sociedade em que vivemos”.

A organização da exposição “[...] resultou de um sensível trabalho coletivo de pesquisadores e agentes culturais negras e negros, que reafirmaram seu espaço de protagonismo convocando o público para a reflexão” (Araújo, 2022, p. 6). Esse formato coletivo contou com doze curadores: a historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto, o historiador Arilson dos Santos Gomes, a especialista em museologia Giane Vargas, a mestra griô Liliana Cardoso, o professor aposentado da rede estadual de ensino Luiz Cláudio Knierim, a antropóloga Mariana Balen Fernandes, a professora, secretária-geral da Associação Negra de Cultura, e filha de Oliveira Silveira, Naiara Silveira, e o músico Rafael Diogo dos Santos (Rafa Rafuagi), os produtores culturais Renato Vieira e Rodrigo de Souza Francisco, o cenógrafo Rodrigo Shalako, e a professora Sátira Machado.

A exposição foi articulada em sete módulos: a) Negros e negras em movimento; b) 80 anos de Oliveira Silveira: o poeta da consciência negra; c) Grupo Palmares de Porto Alegre -

⁵ Museu Antropológico do Rio Grande do Sul: Secretaria do Estado e da Cultura; <https://acervos.mars.rs.gov.br/>

Consciência Negra em dia!; d) Quilombos do Rio Grande do Sul: resistência e territorialidade; e) Clubes Sociais Negros: lugar do sagrado, do discurso próprio, da autonomia e da liberdade; f) Sou a Matriz Negra do Sul; g) Decolonialidade, Identidade e Afrofuturismo.

Com relação à exposição, a historiadora Magalhães pontua que:

A exposição “Palmares não é um, são milhares” é uma demonstração inequívoca de como as instituições de memória são fundamentais na promoção de direitos humanos e combate ao racismo. Nessa celebração dos 50 anos do 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, por meio da elaboração de intelectuais ativistas e acadêmicas/os atuantes em diversos espaços, o MARS dá uma lição de como a democracia se faz pelo reconhecimento dos vários sujeitos sociais que dão corpo a nossa sociedade (Magalhães, 2022, p 37).

Essa democratização trazida pela exposição se mostra como uma ação essencial quando estamos falando de contar às pessoas outras narrativas históricas acerca do passado de negras e negros no Rio Grande do Sul. O movimento de contar outras narrativas históricas sobre a(o) negra(o) foi um dos motivadores do Grupo Palmares ao criar o 20 de novembro. Segundo Campos:

[...] O Grupo Palmares identifica no quilombo, que lhe empresta o nome, e na figura de Zumbi os referenciais para construção desta nova identidade, baseada numa ideia de resistência e realidade opressora. A partir dessa apropriação e ressignificação do passado para usar no presente, propõe-se formular novas representações sobre o negro e sua cultura (Campos, 2006, p. 154).

Zumbi e Aquatune não se resumem a uma data, trata-se de uma outra versão da história na qual o 13 de maio se mostra sem sentido, a ideia de uma princesa branca salvadora das(os) negras(os) estava longe de representar a realidade, “[...] o treze não satisfazia, não havia por que comemorá-lo. A Abolição, só havia abolido no papel”. E sem o treze era preciso buscar outras datas, era preciso retomar a história do Brasil” (Campos, 2006, p. 152). Era a promoção não somente de um novo símbolo, mas de criar uma história afirmativa da negra(o), de resistência, e também de promover a valorização da cultura negra.

O MARS sediar a exposição *Palmares não é só um são milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), conta uma história que a história não conta. Traz para o centro da cidade a história marginal com novas(os) sujeitas(os) históricas que não são apresentadas(os) na escola. Essa narrativa rompe com os conhecidos estigmas negativos da escravização, e inaugura um movimento de transformação e subversão da história negra, que foi realizado pelo Grupo Palmares na década de 70.

Enquanto o Museu Antropológico do Rio Grande do Sul conta uma narrativa positivada da população negra, construída por uma coletividade, evidenciando o protagonismo negro, o

Memorial do Rio Grande do Sul, conta a tradicional história na qual a população negra aparece na condição de escravizada. Então, dentro de um mesmo espaço físico, duas instituições estatais retratam a população negra de modos diferentes, demonstrando o quanto é desafiador para as instituições de memória fazer das narrativas marginais o centro, demonstrando ainda que as narrativas históricas não se resumem a apenas uma, e principalmente que se trata de um campo em disputa.

Se percebe na exposição do Memorial do Rio Grande, aquele museu o qual o passado se mostra imóvel ao retratar uma versão do passado que as sociedades anteriores se apropriaram como a narrativa histórica legítima. Esse modelo de museu, que ainda persiste, reproduz uma função social de preservação de uma narrativa histórica na qual a agência em suma é masculina e branca. Não se tratava de um lugar com foco no diálogo e nas trocas de saberes, estando longe de ser um espaço de reconhecimento dos diferentes grupos sociais.

Entretanto, essa configuração de museu vem mudando no transcorrer dos anos. A museologia social provocou profundas mudanças nos funcionamentos dos museus⁶, que a partir dos anos 1980 passaram a empreender “[...] as noções de tema e problema, de territorialidades ou de desterritório” (Chagas, 2018, p. 312). Esse processo de trazer para o centro diferentes comunidades sociais instituiu uma democratização, na qual a margem deixa de ser margem para então no centro contar as suas narrativas, produzindo novos significados, outros valores, outros modos de ver a realidade, de ver as pessoas.

O Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, ao realizar a exposição *Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), promoveu a democratização de saberes históricos, e trouxe para a sociedade gaúcha a história escamoteada, e principalmente ensinou às crianças, adolescentes e educadoras(es) sobre a importância do 20 de novembro.

“É um estar imerso, uma experiência que é única e difere de palestra ou aula”⁷: quando a formação docente acontece no museu

A escola de educação infantil Dom Luiz de Nadal localizada no bairro Restinga, existe há quatro décadas e, nos últimos anos (conforme relatos de educadoras, o 20 de novembro

⁶ Embora a palavra museu apareça no plural, temos ciência de que os museus sociais não são a maioria no país.

⁷ Esta foi uma fala pronunciada pela vice-diretora da escola, ao se manifestar sobre a formação no Museu. Os questionários tiveram por objetivo perceber as impressões das participantes, bem como as suas reflexões sobre a visita/formação. As respostas dos questionários foram analisadas a partir da análise de discurso que visa verificar a relação entre a ideologia e o que se é dito ou escrito (Araújo, Silva, 2017, p. 18), entendendo que o discurso é uma prática social perpassada pelas relações de poder (Azevedo, 1998, p. 107).

passou a ser celebrado na escola a partir do ano de 2015), tem se empenhado na implantação da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino da História Afro-Brasileira e Africana (2004). Neste sentido, do momento em que ingressei na escola até o presente, nos é possível construir uma pequena linha do tempo no que tange à realização do Novembro Negro:

Quadro 1: Pequena linha do tempo dos acontecimentos na EMEI Dom Luiz de Nadal de 2019 a 2022.

2019	Visitação ao Museu de Percurso do Negro, localizado no bairro Centro de Porto Alegre Novembro Negro: realização de várias atividades diárias, bem como uma ambientação na entrada da escola.
2020	Formação sobre a história do 20 de novembro a partir do texto de Oliveira Silveira, <i>Vinte de novembro: história e conteúdo</i> . Novembro Negro: exposição com fotos das crianças, famílias, profissionais da escola negras.
2021	Novembro Negro: homenagem a mulheres negras da Restinga: jogadora de futebol, cantora, Iyalorixá, professoras da rede, ex-aluna. A cada semana uma destas mulheres foi homenageada.
2022	Projeto Cultura, Arte e Orgulho Visitação à exposição <i>Palmares não é só um São Milhares: 50 anos do 20 de novembro</i> (2021-2022) Novembro Negro: Territórios Negros

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Ao longo dos anos a Escola realizou diferentes celebrações no mês de novembro. A partir do ano 2019 ela passou a ser feita durante o mês todo, recebendo o nome de Novembro Negro da Nadal. Vale ressaltar que a EMEI Nadal é a única a celebrar a data por trinta dias. Como bem demonstrou o quadro acima, algumas atividades antecederam a visita ao MARS. Em 2020 foi realizada formação de modo virtual sobre a história do 20 de novembro, nessa ocasião se estudou o texto “*Vinte de novembro: história e conteúdo*” do intelectual e fundador (junto a Nara Helena Medeiros Soares, Helena Vitória dos Santos Machado, Margarida Maria Martimiano, Mariza Souza da Silva, Marli Carolino, Maria Conceição Lopes Fontoura, entre outras e outros) do Grupo Palmares, Oliveira Silveira.

No ano de 2021, a escola homenageou mulheres negras da Restinga, o que lembrou as homenagens que o Grupo Palmares realizou em 1971 (o grupo homenageou José do Patrocínio, Luiz Gama e Zumbi dos Palmares). Em 2022, a coordenadora pedagógica da escola criou o Projeto Cultura, Arte e Orgulho, que traz para os demais dias letivos a celebração do 20 de novembro. Desse modo, no dia 20 de cada mês uma turma realiza alguma ação baseada na educação para relações étnico-raciais, e todo dia 20 passa a ser o 20 de novembro. e por fim o tema do Novembro Negro da Nadal de 2022 foram os Territórios Negros de Porto Alegre –

mais uma vez cada turma escolheu um lugar para estudar e propiciar uma vivência⁸.

Em abril de 2022 o grupo envolvendo professoras, monitoras e monitor, equipe diretiva e educadoras de apoio (cozinha e limpeza), visitou o Museu no turno da tarde. Devido à quantidade (40 pessoas), foi necessário dividir em dois grupos, sendo atendido por dois mediadores: a antropóloga e membra da equipe do MARS, Maria Helena Sant’Ana e o estagiário e estudante de História, João Otávio Rodrigues. Organizamos a mediação em duas partes complementares, desse modo, enquanto um grupo visitava a primeira parte da exposição (Grupo Palmares, Oliveira Silveira e o 20 de novembro), o outro visitava a segunda parte (os quilombos, clubes negros, outros atores negros). Eu não fui responsável pela mediação, devido ao objetivo da visita/ formação, que era oportunizar uma imersão na história do 20 de novembro, a partir de outros olhares, demonstrando desse modo que essa data e outros elementos históricos raciais que trago para dentro da escola, são fontes de estudos realizados por diferentes áreas, e que não se trata de discursos vazios, advindos de opiniões pessoais. Desse modo, ouvir outros profissionais, ver a exposição que foi organizada por uma coletividade plural, poderia se configurar como um momento para as colegas se sensibilizassem com a temática, e a as questões raciais.

Após a visita, apliquei dois questionários – Quadro 2 e Quadro 3 – aplicados em diferentes períodos do ano, o primeiro com cinco perguntas, aplicado dias depois da visita/ formação; e o segundo em dezembro após a celebração do Novembro Negro. Os questionários foram elaborados no Google Forms, e disponibilizados no WhatsApp da escola, que contém todas(os) as(os) profissionais. Das quarentas pessoas que participaram da formação, apenas oito responderam ao primeiro questionário, e com relação ao segundo, apenas uma pessoa respondeu.

Quadro 2: Questionário 1 realizado logo após a visita ao MARS

Esta foi a sua primeira visita a um Museu?
Como foi a visita para você?
Que relações entre a Exposição e o Novembro Negro da Nadal podem ser feitas?
A exposição mudou o seu modo de ver/sentir o 20 de novembro? Comente a sua resposta.
Pensando na Exposição, o que podemos pensar para a Nadal?

⁸ Os lugares escolhidos foram: Praça do Tambor (Maternal 2A), Bará do Mercado (Jardim B1), Super Tinga (Jardim B2), Oxum de Ipanema (Berçário 2), Largo Zumbi dos Palmares (Maternal 1), Pegada africana (Maternal B2), Paineiro Afro-Brasileiro (Jardim A1), Redenção (Jardim A2).

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quadro 3: Questionário 2 realizado em novembro de 2022.

A visita à exposição *Palmares não é só um São Milhares: 50 anos do 20 de novembro*, te ajudou na formulação da tua proposta para o Projeto Cultura, Arte e Orgulho, e na formulação da(s) proposta(s) para o Novembro Negro? Em caso positivo diga como.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As respostas do questionário 1, bem como as expressões no dia da visita/formação, mostrou o quanto a mediação foi importante para a experiência de imersão. Foi um momento de ver, sentir e ouvir, criando novos significados para história do 20 de novembro. As mediações forma muito elogiadas pela equipe. O mediador João Otávio Rodrigues na segunda parte da exposição que aborda a legalização dos Quilombos rurais e urbanos no país, manifestou o seu descontentamento acerca de todo um processo de lutas que ficou invisível com a promulgação da lei, e isso abriu possibilidades de reflexão para as participantes, que só ao ver a imagem da constituição na parede poderiam não vir a fazer. Eis a importância do ato de mediar, segundo Pacievitch (2019), a palavra:

[...] os limites da palavra, a complexidade do ato Comunicativo, concretização de que a palavra pode constituir-se como mediadora dos fatores envolvidos na comunicação, permitindo ou não a construção de sentidos [...] a palavra é indicadora das transformações sociais justamente quando consideramos seu caráter de signo (Pacievitch, 2019, p 7).

Embora uma exposição seja cuidadosamente planejada, os sentidos que a mediação, e que as(os) visitantes irão lhe atribuir estão para além de qualquer controle. Quando pensamos na aprendizagem no ambiente escolar, e neste caso no ensino de história, percebemos que há uma tentativa de controle sobre o que as crianças/adolescentes “devem” aprender, então criam-se objetivos de aprendizagens, nos quais as crianças, para serem aprovadas, precisam provar que aprenderam os conteúdos selecionados pela(o) professora(or). No entanto, no que tange à educação patrimonial, podemos dizer que não tem como isso acontecer em um museu; ali as aprendizagens são livres, como demonstra as respostas das educadoras e do educador no questionário realizado após a visitação/formação:

É uma outra forma de aprender (Educadora A)

Foi um grande aprendizado, de trocas e de memórias afetivas (Educadora L).

A visita foi muito importante para relembrar a história do Rio Grande do Sul e o racismo incrustado até os dias de hoje com a população negra (Educador D)⁹.

⁹ A equipe diretiva, bem como as demais colegas aceitaram participar da pesquisa, autorizando a publicação de suas respostas. Para fins de identificação, foi escolhida a profissão de educadora e educador, e o uso da letra inicial

O Educador D salienta que a Exposição também trata da história do Rio Grande do Sul, então a separação que a historiografia tradicional realizou por longo tempo é desfeita quando ele considera a história do Grupo Palmares, dos Clubes Negros, dos quilombos como parte da história rio-grandense. Ele também faz uma leitura na qual as resistências, lutas e as recriações mostradas na exposição demonstram o modo como o racismo que atinge a todas as pessoas negras até o presente.

Interessante perceber que a Educadora L usa o termo trocas, e isto nos fala de um conhecimento prévio, que pode estar relacionado com as formações e ações que a escola vem fazendo nos últimos anos. A exposição possui relação com a EMEI Dom Luiz de Nadal, e este foi também um dos motivos pelos quais aconteceu a visita – lembremos que a escola celebra o 20 de novembro. Acerca dessa relação trago duas percepções das(os) Educadoras(os):

A exposição nos impulsiona a continuar valorizando potências negras da comunidade e toda história de lutas que estas carregam (Educador D).

O novembro negro da Nadal também traz representações de pessoas negras e histórias para as crianças, assim como vemos na exposição (Educadora P).

Quando o Educador traz para a escrita reflexiva o verbo continuar, e a Educadora D ao dizer “*também traz representações de pessoas negras*”, ele e ela se referem ao Novembro Negro de 2021, e no qual mulheres negras da Restinga foram homenageadas. Esta ação da escola, lembra as homenagens a pessoas negras que são realizadas por todo país em alusão ao 20 de novembro. Além disso, vale perguntar se a visita mudou o modo de ver o 20 de novembro, pois para grande maioria das educadoras o entendimento acerca da importância desta data, ainda se encontra em processo. Esta pergunta foi feita, e as respostas se mostraram bem diversificadas:

Sem dúvida, pois foge do espectro “negro card”, que só é visto e lembrado no mês de novembro... Como o próprio nome da exposição discrimina “Palmares não é só um, são milhares, e nestes leilões se encontram Delizete (minha mãe), Ághata, Marielle e demais pessoas negras que viveram bravamente suas vidas (Educador D).

Obtive mais informações neste sentido, a ponto de querer saber se juntamente com os Lanceiros Negros haviam mulheres negras “lanceiras negras” lutando na batalha de Porongos. Sim, quero saber se havia mulheres negras na linha de frente, que não aparece na história dos Lanceiros Negros (Educadora F).

Sim, com certeza eu amei saber mais sobre (Educadora G).

Não, mas me sensibilizou muito (Educadora M).

Sim, é muito importante termos cada vez mais acesso à história e à memória, que nos

do respectivo nome.

faça (re)pensar o que queremos para nossas crianças (Educadora P).

As representações que parecem estar presentes nas celebrações do mês de novembro são questionadas pelo Educador D, que salienta a estrutura racista que faz a pessoa negra ser vista apenas em novembro. Esse é o mês no qual algumas pessoas enfim se abrem para ouvir pessoas negras, é o mês em que parecem ser consideradas relevantes as discussões sobre racismo, enfim, tudo em relação à pessoa negra se mostra aceitável e visível neste mês. Ele coloca diferentes figuras como representantes da luta feminista e racial, essa ação vai ao encontro do que diz a exposição “Palmares não é só um(uma)” – ela também a dona Delizete, minha avó Stella, a minha Iyalorixá Eliane Almeida, a professora Larisse Moraes, e por aí vai... a lista não acaba, e que bom que não acaba, pois demonstra que o quilombo segue vivo, é um movimento de longa duração como nos fala Nascimento (2018). A resistência negra segue e, por conseguinte, quilombos vão se formando em diferentes espaços e de diferentes modos, tais como: Sopapo Poético (POA/RS), Slam das Minas RS, projetos escolares como Afroativos da EMEF Saint Hilaire (Lomba do Pinheiro/POA/RS), Empoderadas IG (POA/RS), Quilombonja (Bom Jesus/POA/RS)¹⁰, e outros.

A exposição além de provocar muitas aprendizagens, também suscitou o desejo de se aprender mais sobre outros momentos da pessoa negra na história do Rio Grande do Sul. A Educadora F passou a se questionar sobre a presença de mulheres negras no destacamento dos Lanceiros Negros, indo ao encontro de uma pergunta que muitas educadoras da rede municipal fazem em setembro: “*havia mulheres brancas e negras lutando na Revolta Farroupilha?*” (2002). Outra educadora se interessou por saber mais dos quilombos do estado. Isto demonstra o quanto a mediação pode gerar novas problematizações, esta é a riqueza de uma experiência de imersão. Fazer novas problematizações, relações, e principalmente o pensar nas aprendizagens das crianças, como pontua a Educadora P: “[...] *é muito importante termos cada vez mais acesso à história e à memória, que nos fazem (re)pensar o que queremos para nossas crianças*”(2022). Este é o elemento chave, (re)pensar o ensino da história do 20 de novembro, e a educação das relações raciais dentro da escola, e por esse motivo que formações como a visita são essenciais para a educação antirracista.

O lúdico também pode ensinar história afro-brasileira na educação infantil:

¹⁰ Estes são projetos cujas origens se dão por vias do Movimento Social Negro que atua dentro e fora das escolas de educação pública do município de Porto Alegre/RS.

a caixa do jogo pedagógico

O jogo nos últimos anos se mostrou como uma excelente ferramenta pedagógica no que diz respeito ao ensino de história. A cada dia professoras e professores de História criam diferentes jogos para qualificar a aprendizagem das crianças, visto que “[...] se usado para fins pedagógicos, o jogo é capaz de mudar a relação do aluno com temáticas históricas” (Juchem; Pereira, 2018).

O jogo também faz parte do universo da educação infantil, e assim como no ensino fundamental, esse instrumento pode gerar o que comumente chamamos de memórias afetivas. Os jogos pensados para a caixa pedagógica ensinam sobre lugares e pessoas que são parte da história do Rio Grande do Sul. Estas pessoas e lugares fazem elos com o nosso presente, nos mostrando um passado até então desconhecido tanto pelas crianças quanto pelas pessoas adultas da escola.

Nesta perspectiva, pensei nos jogos de um modo que todas as turmas da escola pudessem jogar. O bafo e o jogo da memória podem ser manuseados pelas crianças do Berçário 2 (1-2 anos) e do Maternal 1 (2-3 anos) em um momento no qual a educadora possa fazer a intervenção contando sobre as imagens que as crianças estão vendo. Nas turmas de Maternal 2 (3-4 anos), Jardins A (4-5 anos) e B (5-6 anos), é possível jogar os jogos conforme as instruções, e os quebra-cabeças podem ser montados pelas turmas de Jardim B. Para que ocorra um momento de ensino, torna-se fundamental que intervenções pedagógicas sejam realizadas, o que gera sentido para os jogos e os transforma em instrumentos de aprendizagem histórica.

Duas caixas foram confeccionadas, uma para o Museu Antropológico do RS e outra para a EMEI Dom Luiz de Nadal. Além dos jogos (2 quebra-cabeças, 1 jogo da memória e 1 jogo de bafo), em cada caixa foi adicionado o texto de Oliveira Silveira, *Vinte de novembro: história e conteúdo*. Abaixo segue uma descrição dos jogos confeccionados¹¹:

- **QUEBRA-CABEÇA 1: painel de entrada (24 peças)**

O painel da entrada: Ao subir as escadas na entrada do museu, nos deparamos com um painel gigante que em um só tempo une o passado com o presente, ao trazer parte do hino riograndense composto pelo poeta Oliveira Silveira com as sombras de pessoas negras do tempo presente. As sombras trazem para dentro do museu a diversidade que é ser negra e negro, enaltecem a cultura, a religiosidade e corporeidade que lhes são características.

- **QUEBRA-CABEÇA 2: Mestre Borel (24 peças)**

Mestre Borel: Walter Calixto Ferreira, mais conhecido como Mestre Borel, nasceu na cidade de Rio

¹¹ Cada jogo foi pensado por mim, contudo a confecção dos jogos foi feita por uma empresa, a *Phênix Negra - Moda conceitual afrocentrada*.

Grande em 1909. Mestre Borel é uma das figuras culturais dentro da cultura de matriz africana mais importantes dentro do RS, foi bailarino do teatro negro do RJ onde fez par com Mercedes Batista. Mestre Borel foi um grande ícone da luta do negro no RS, compositor, escritor e pesquisador da cultura. Mestre Borel deixou um legado de prêmios como o troféu João Candido Almirante Negro (2005), Troféu Zumbi (1997), Troféu Afroconesul (2017, prêmio póstumo), entre outros. Em 2010, Mestre Borel deixou seu último registro no documentário *Mestre Borel Ancestralidade Negra em Porto Alegre* (2014). Este documentário está disponível no YouTube¹².

- **JOGO DE BAFO: Clubes Negros e Sopapo (13 peças)**

Conforme a curadoria da exposição, o sopapo (tambor de 1,5m de altura e 60cm de diâmetro), tem sua origem no século XIX e foi encontrado nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. Nos anos 2000, foi ressignificado e se tornou símbolo de resistência e memorial da população negra.

Os clubes negros “[...] são construções culturais que conferem inteligibilidade e densidade histórica à experiência de racialização vivenciada no pós-abolição” (Silva, 2017, p. 21). Deste modo, tratam-se de espaços dotados de múltiplos significados: lugar de diversão, de organização política, de ressignificação da beleza negra, lugar de arte e saberes. São (foram) sem dúvida alguma “[...] espaços de lutas políticas que informam sobre cidadania, tendo por base, por um lado, uma ideia de raça e, por outro, valores sociais compartilhados que condicionaram a formação de uma identidade negra positiva” (Silva, 2017, p. 21). Os clubes negros são quilombos que persistem e resistem!

- **JOGO DA MEMÓRIA - Grupo Palmares e Quilombo dos Palmares (18 peças)**

Vida longa ao Grupo Palmares, a Palmares e aos quilombos do tempo presente: conversas na Rua da Praia sob a vigilância dos militares, gestou o que presentemente conhecemos como Grupo Palmares.

Decididos a buscar alternativas ao 13 de maio, Oliveira Silveira, Antonio Carlos Cortes, Ilmo Silva e Vilmar Nunes, realizavam algumas discussões na Andradas sobre a falta de outros referenciais para o negro na História oficial. A partir desta constatação decidiram pesquisar datas que pudessem ser representativas para o povo negro (Campos, 2006, p. 51).

O Quilombo e Zumbi dos Palmares passaram a ser a narrativa negra, a representar a população negra; tratava-se de uma história negra da resistência, da união e da luta. Quem mais teria tamanha força histórica para destronar a princesa? Tinha que ser o rei Zumbi!

Para esta caixa, um jogo foi confeccionado. As imagens utilizadas foram: as imagens da membra do Grupo Palmares Maria Conceição, o integrante fundador Oliveira Silveira, Zumbi e Dandara, uma imagem do Quilombo dos Palmares, a arte feita em comemoração dos 50 anos do 20 de novembro.

O jogo da memória foi jogado pelas minhas turmas de Maternal 2A (3-4 anos) em 2022, e o Jardim A1(4-5 anos) em 2023, com base no projeto pedagógico sobre o Quilombo dos Palmares realizado a partir da obra *Zum, Zum, Zum, Zumbi* (2016) da escritora Sonia Rosa. Em 2022, sob o título M2A vai a Palmares, as crianças conheceram por imagens o quilombo, e o rei Zumbi e a rainha Dandara. O projeto exigiu muito estudo, visto que os conhecimentos referentes à história de Palmares eram poucos, além disso, ensinar história às crianças pequenas

¹² ALTEMANN, Leonardo. **Mestre Borel Ancestralidade Negra em Porto Alegre**. YouTube, 12 de junho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ftjdoUEC4b0>. Ver também: <https://centroculturalmestreborel.com.br> e <https://www.ufrgs.br/biev/producoes/mestre-borel-a-ancestralidade-negra-em-porto-alegre>.

é uma ação desafiadora.

Este ano (2023) a turma que era M2A passou a ser JA1, então retomei a obra lida e também o projeto para então apresentar o jogo da memória de Palmares. Ao final da tarde, com um grupo de sete crianças dispus sobre a mesa as peças e expliquei a proposta, cada criança na sua vez tinha que encontrar o par da carta escolhida. Cada carta que era escolhida eu explicava o que era ou quem era. As crianças demonstraram lembrar do projeto e rapidamente se apropriaram dos nomes das pessoas nas cartinhas. Quando o Anthony (4 anos) pegou a carta com a imagem do Oliveira Silveira ele disse: “*é o Oliveira Oliveira, né?*”. O Oliveira Silveira foi apresentado a turma como uma das pessoas que criou a data que é celebrada na escola, além disso, a turma do JA2 quando apresentou a Lei 10.639/03 para as crianças, levou diferentes imagens das pessoas negras, e entre elas estava o Oliveira Silveira que naquele momento foi reconhecido por algumas crianças da turma.

Nesta tarde jogamos duas rodadas, ao final da rodada, Sophia explicou ao grupo que também era possível jogar bafo com as cartinhas. A ação da Sophia demonstrou que as cartinhas são do cotidiano das crianças, e isso facilitou o envolvimento delas no jogo, por ser algo que lhes era conhecido. A maioria das imagens as crianças conheciam, logo, foi uma estratégia pedagógica para sedimentar um ensino que começou no ano anterior.

As práticas pedagógicas na perspectiva da educação antirracista através do ensino da história afro-brasileira se constituiu nas idas e vindas de temáticas, afim de que não se crie uma lista de nomes e lugares que somente são apresentados as crianças.

Além do Anthony, a Ana Julia também reconheceu uma imagem, a da Dandara de Palmares, sobre a carta, Ana Júlia falou sentir medo, perguntei o motivo e ela não soube dizer, falei que a Dandara era igual a mim (negra), e uma rainha, Ana sorriu e pegou a cartinha. Ao lembrar de uma figura que foi lhe apresentada em 2022, a Ana ficou insegura se era mesmo a Dandara, embora eu tenha escolhido a mesma imagem utilizada no ano anterior. O jogo cumpriu o seu objetivo ao sedimentar memórias sobre personalidades negras da história brasileira.

Considerações finais

A proposição da realização de uma formação docente na perspectiva da educação patrimonial se mostrou como uma experiência rica em aprendizados, conforme os relatos no dia da visita e das respostas no questionário. As mediações realizadas pela Maria Helena

Sant'Ana e pelo João Otávio Rodrigues foram destacadas nas falas pelas participantes da formação. Além disso, houve educadoras que se emocionaram com as novas informações e com a exposição *Palmares não é só um sã milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022) como um todo. A experiência de ver pessoas negras fazendo história no Rio Grande do Sul em uma condição diferente daquela que nos foi ensinada na escola – eram representações positivas de agentes históricos negros e negras que por longo tempo foram silenciadas(os) pela narrativa tradicional –, provocou uma desestabilização cognitiva, ou seja, quando aquele conhecimento já assimilado pelo cérebro, é trazido à tona por uma informação nova, que questiona aquilo que já estava estabelecido, gerando um novo conhecimento de algo que lhe era de certo modo comum. Esse confronto cognitivo pode gerar uma abertura para a possibilidade de uma modificação quanto ao que se acreditava. Podemos pensar então que a visita, mais que uma formação docente, foi igualmente uma aula de história sobre a população negra gaúcha.

Era importante que essa aula não ocorresse dentro da escola, o ambiente potencializador para esta aula, era a exposição, visto que o 20 de novembro é uma data muito importante para a Nadal. A data está presente na escola há muitos anos, começando com uma celebração de um dia, passando para uma semana, e presentemente sendo celebrada durante todo mês de novembro.

No segundo ano do Novembro Negro da Nadal, fiz uma problematização quanto ao significado da data, compartilhei com o grupo a proposição de que a data trata da história da(o) negra(o) no Brasil, e que por isso trazer para este mês “danças africanas”, máscaras africanas, a savana africana, os países africanos, não tem a ver com a proposição do Grupo Palmares. O 20 de novembro idealizado na década de 1970 diz respeito ao Quilombo dos Palmares, tendo em Zumbi a representação do herói negro que lutou por seu povo contra o sistema escravocrata e, ampliando essa perspectiva, vemos a história da população negra no Brasil a ser celebrada neste mês.

A visita teve por objetivo proporcionar uma formação docente que tocasse as trabalhadoras da escola, de tal modo que elas passassem a ver a importância do 20 de novembro para a população negra. Havia uma grande expectativa sobre se as colegas iriam gostar ou não da visita-formação, e também se essa formação teria alguma influência nas práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. No dia seguinte à formação, o assunto era o Museu, as colegas e o colega, estavam encantadas(o) com tudo que foi visto. Porém, conforme os dias foram passando, foi possível perceber que os ensinamentos acerca da história do 20 de

novembro não suscitaram propostas pedagógicas na área da história afro-brasileira.

Essa ida ao museu marcou a equipe de diferentes modos; muitas nunca tinham ido ao museu, poucas colegas sabiam da existência do MARS e do Memorial. Houve quem se impressionou com a magnitude da exposição, quem se emocionou com as informações, enfim, foi um encantamento que emocionava quem as via circulando pela exposição.

Ao final da visita entreguei à escola a caixa pedagógica com os jogos e o texto do Oliveira Silveira. A coordenadora chorou ao receber a caixa, eu fiz uma fala sobre a importância da exposição e da minha felicidade em estar com elas no museu. A caixa foi guardada na sala da Direção junto aos livros para as(o) educadoras(or), então quem quisesse pegar, assim o poderia. Soube pelo grupo do WhatsApp da escola que a turma do Jardim B2 jogou os jogos, mas não sei como foram as intervenções das educadoras.

Penso que a proposição da caixa foi positiva, a ideia de criar jogos para também ensinar as crianças da escola, foi sem dúvida alguma, uma escolha pedagógica que qualificou o trabalho no que se refere ao ensino da história afro-brasileira. Esta caixa é a materialização de uma pedagogia que se mistura com a história. Contudo, me pergunto se os jogos não seguiram uma perspectiva de ensino fundamental, devido ao fato de exigirem um conhecimento histórico para que então os jogos além de divertir possam ensinar também. Neste sentido, a caixa ganha mais um sentido pedagógico-histórico, que é a formação das educadoras, ao pegar os jogos e levar para a sala referência, a(o) educadora(or) precisará de um planejamento no qual o jogo se encontre dentro de um objetivo pedagógico, e isso enriquece ainda mais a caixa.

Além disso, ela funciona como uma memória da exposição *Palmares não é só um São Milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), desse modo, mesmo que as crianças não tenham tido a oportunidade de visitar a exposição, um pouco dela vai estar ali, guardada na caixa, mantendo uma memória e igualmente ensinando crianças e educadoras(es).

Enquanto a visitação-formação nos convida a pensar nas suas potencialidades, bem como a refletir sobre outros modos de pensar a educação a educação patrimonial; a caixa pedagógica se mostra como importante instrumento de ensino no que se refere à história da população negra no Brasil.

Referências

ANDRADE, Elisabete. Formação Continuada de Professoras: o espaço-tempo da escola infantil. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 47, e115965, 2022.

ARAÚJO, Beatriz. Palavras da Secretária de Cultura. In: WIGGERS, Monica Marlise; KOENIG, Juliana; SILVEIRA, Alice (orgs.). **Cadernos de exposição do MARS**: Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro. Porto Alegre, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul: Instituto Estadual do Livro, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1PvSLXJmh4fLopJgyG3zY_ySwG6XvdzQA/view. Acesso em: 11 de março de 2023.

ARAÚJO, Alcemar Dionet. SILVA, Jonathan Chasko da. A metodologia de pesquisa em análise do discurso. **Grau zero** – Revista de Crítica Cultural, São Paulo, v. 5, n. 1, 2017.

AZEVEDO, José. Metodologias qualitativas: análise de discurso. Universidade do Porto, Portugal.

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Revista Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, agosto/2001.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. **Cadernos do CEOM**, ano 27, n. 41, 2014.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O Grupo Palmares (1971-1978)**: Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CHAGAS, Mário. Seminário 200 anos de Museus no Brasil: desafios e perspectivas (a partir da museologia social) para os museus no Brasil contemporâneo. **Anais 200 anos de museus no Brasil**: desafios e perspectivas. Brasília: Ibram, 2018.

CHIMENTÃO, Lilian Kemmer. O Significado da Formação Continuada Docente. **4º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar**, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. **Pedagogia do Oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GOMES, Arilson dos Santos. Ensino de história, patrimônio e práticas decoloniais no Museu do Percurso do Negro de Porto Alegre. **Fronteiras**: Revista de História, Dourados/MS, v. 12, n. 38, p. 71-89, jul./dez, 2019.

JUCHEM, Henry; PEREIRA, Nilton Mullet. Sobre o uso de jogos no ensino de história. **Revista Brasileira de Educação Básica**, Belo Horizonte, ano 3, n. 7, jan./março 2018. Disponível em: <https://rbeducacaobasica.com.br/sobre-o-uso-de-jogos-no-ensino-de-historia/>. Acesso em: 18 de março de 2023

LIMA, Ana Cristina Cantero Dorsa. PAVAN, Ruth. Formação continuada por meio da pesquisa-ação: participação e decisão dos professores. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 24, n. 2, p. 509–519, abr./jun. 2023.

MAGALHÃES, Ana Flávia. Módulo Grupo Palmares de Porto Alegre – Consciência Negra em dia! In: WIGGERS, Monica Marlise; KOENIG, Juliana; SILVEIRA, Alice (orgs.). **Cadernos de exposição do MARS**: Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro. Porto Alegre, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul: Instituto Estadual do Livro, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1PvSLXJmh4fLopJgyG3zY_ySwG6XvdzQA/view. Acesso

em: 11 de março de 2023.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Historiografia do Quilombo [1977]. In: **Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição**. 1ª ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

OLIVEIRA, SILVEIRA. Vinte de novembro: história e conteúdo. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SILVERIO, Valter Roberto (Orgs.). Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

PACIEVITCH, Caroline. **Mediação, mediação participativa e ensino de História em espaços de memória**. Texto produzido para aula. 2019.

PALAURO, Marisa Mattos. TOMAZZETTI, Cleonice Maria. Datas comemorativas na educação infantil: quais sentidos na prática educativa? **Crítica Educativa**, Sorocaba/SP, v. 2, n. 2, p. 150-164, jul./dez. 2016.

VARGAS, Pedro Rubens Nei Ferreira. O Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre ou, para muitos, a surpreendente história de um museu que não parece museu dedicado a um gaúcho que não é percebido como gaúcho. In: **Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre: etapa IV**. RAMOS, Jeanice Dias; VARGAS, Pedro Rubens Nei Ferreira; SOUZA, Vinicius Vieira de. E. Porto Alegre: 2015.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Cultura. **Museu Antropológico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, [s. d]. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/museu-antropologico>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ROSA. Sonia. Zum, Zum, Zumbi. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2016.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos Clubes Negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguaí no pós-abolição (1870-1960)**. 2017. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

WIGGERS, Monica Marlise; KOENIG, Juliana; SILVEIRA, Alice (orgs.). **Cadernos de exposição do MARS: Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro**. Porto Alegre, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul: Instituto Estadual do Livro, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1PvSLXJmh4fLopJgyG3zY_ySwG6XvdzQA/view. Acesso em: 11 de março de 2023.

Recebido em: 02 out. 2024.

Aprovado em: 14 dez. 2024.

Revisor(a) de língua portuguesa: a autora

Revisor(a) de língua inglesa: a autora